

## A ACEITABILIDADE DO SINGULAR NU PRÉ-VERBAL EM PORTUGUÊS BRASILEIRO<sup>1</sup>

*Raíssa Silva Santana*<sup>2</sup>

*Elaine Grolla*<sup>3</sup>

### RESUMO

Nossa pesquisa investiga o julgamento de falantes nativos de Português Brasileiro (PB) com relação ao singular nu pré-verbal, dada a proposta de que a aceitabilidade de construções com esse nominal pode melhorar diante de fatores pragmáticos tais como o foco contrastivo. Em uma Tarefa de Julgamento de Aceitabilidade, falantes nativos de PB julgaram sentenças: i) genéricas; ii) com predicados-de-espécie; iii) com predicados-de-estágio. Nossos resultados sugerem que a presença do foco contrastivo pode interferir na aceitabilidade de construções com o singular nu pré-verbal, e que construções com predicados-de-espécie são gramaticais na língua. As sentenças com predicados-de-estágio apresentaram taxas baixas de aceitação.

**Palavras-chave:** Singular nu pré-verbal, foco contrastivo, genericidade, tarefa de julgamento de aceitabilidade

---

**1** Agradecemos aos dois pareceristas que revisaram e comentaram nosso trabalho, enriquecendo sobremaneira o nosso artigo, bem como à audiência do Experimental Portuguese Linguistics Workshop (ExPortLi) por todos os comentários recebidos quando apresentamos os resultados desta pesquisa. A primeira autora agradece, em especial, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela bolsa que financia seu projeto de mestrado (Processo: 130292/2017-6). Agradecemos também aos sujeitos que participaram de nosso estudo.  
**2** Mestranda no Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo. E-mail: [raissa.santana@usp.br](mailto:raissa.santana@usp.br).  
**3** Professora doutora no Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo. E-mail: [egrolla@usp.br](mailto:egrolla@usp.br).

## ABSTRACT

Our research investigates the judgements of Brazilian Portuguese (BP) native speakers with respect to preverbal bare singulars, considering the proposal that pragmatic factors such as contrastive focus might improve the acceptability of the constructions headed by this nominal. In an Acceptability Judgment Task, 20 native speakers of BP judged constructions with preverbal bare singulars within: i) generic sentences; ii) kind-predicate sentences; iii) stage-level predicate sentences. The results suggest that contrastive focus might interfere with the acceptability of these constructions, and that sentences with kind-predicates are grammatical in BP. Sentences with stage-level predicates received low rates of acceptance.

**Keywords:** Preverbal bare singulars, Contrastive focus, Genericity, Acceptability Judgment task

## 1. Introdução

Nas línguas naturais, é por meio da genericidade que os falantes expressam seu conhecimento de mundo, isto é, através de sentenças que apresentam regularidades ou leis mais gerais (MÜLLER, 2003). De acordo com a literatura clássica sobre o tema (CARLSON & PELLETIER 1995), são duas as formas de manifestação desse fenômeno: podemos fazer afirmações de senso comum por meio de sentenças genericamente quantificadas ou expressões de referência a espécies.

A compreensão destes conceitos também é essencial para o estudo do nominal singular nu, pois é sobre a classificação do mesmo como uma estrutura genericamente quantificada ou como uma expressão de referência a espécies que encontramos propostas controversas.

A literatura (KRIFKA, PELLETIER, CARLSON, CHIERCHIA, LINK & TER MEULEN 1995, MÜLLER 2003) propõe alguns testes para diagnosticar se um nominal é um nome que denota espécies ou se está em uma sentença genericamente quantificada. Apresentamos aqui os dois principais:

a) Sentenças genericamente quantificadas podem ser parafraseadas por sentenças com o advérbio “geralmente”;

b) Predicados-de-espécie, tal qual “estar extinto” e “inventar”, tem como sujeito e objeto

expressões de referência a espécies.

A controvérsia na literatura sobre a genericidade em Português Brasileiro têm origem na classificação das estruturas nominais que o falante possui para produzir sentenças genéricas. Como há duas maneiras de expressar genericidade, os sintagmas da língua irão fazê-lo ou como expressão de referência a espécies ou como sentença genericamente quantificada<sup>4</sup>. No que diz respeito ao singular nu, não há acordo na literatura sobre a qual modalidade de genericidade este nominal pertenceria.

Neste artigo, discutimos, a partir de uma tarefa de julgamento de aceitabilidade aplicada a 20 adultos falantes nativos de PB, a proposta originalmente defendida por Schmitt & Munn (1999, 2002). De acordo com esse trabalho, a presença de foco contrastivo, proeminência prosódica ou contexto de lista, por exemplo, podem melhorar a aceitabilidade de sentenças em que um nominal singular nu figura em posição pré-verbal em construções com predicados-de-espécie ou com predicados-de-estágio, representadas por (1) e (2), respectivamente.

(1) Baleia azul está extinta. [predicado-de-espécie]

(2) Baleia encalhou nas docas ontem. [predicado-de-estágio]

O artigo está dividido da seguinte maneira. Na seção “A denotação do singular nu em Português Brasileiro”, discorreremos sobre trabalhos que discutem as diferentes propostas para a referência do referido nominal no PB; em “Objetivos”, apresentamos os objetivos do estudo e nossa hipótese de trabalho; os detalhes da metodologia empregada são comentados na seção “Materiais e Métodos”; e nossos resultados são apresentados e discutidos nas seções “Resultados” e “Discussão”, respectivamente. No que se segue, levando em consideração as diferentes possibilidades para expressar a genericidade, apresentamos as principais propostas para a denotação do singular nu.

## **2. A denotação do singular nu em português brasileiro**

Em linhas muito gerais, as propostas para a denotação do singular nu se dividem em duas

<sup>4</sup> Agradecemos ao nosso segundo parecerista, que chamou nossa atenção para o fato que essas análises não necessariamente são excludentes. Em uma mesma língua, um nominal pode fazer referência a espécies e a entidades particulares. O que está em questão no presente trabalho é, por sua vez, a possibilidade de: i) o singular nu pré-verbal fazer referência a espécies, quando combinado com um predicado-de-espécies; ii) A possibilidade de o nominal ocupar a posição pré-verbal de uma construção com predicado-de-estágio, sendo ele um nominal que faz referência a espécies nesse caso.

vertentes principais: ou o nominal denota espécie (DOBROVIE-SORIN & PIRES DE OLIVEIRA 2007, MENUZZI, SILVA & DOETJES 2015, PIRES DE OLIVEIRA, SILVA & BRESSANE 2010, PIRES DE OLIVEIRA & MARIANO 2011; PIRES DE OLIVEIRA & ROTHSTEIN 2011; entre outros), implicando que o fenômeno da genericidade se manifesta no nível do nominal, ou o nominal não denota espécie<sup>5</sup> (MÜLLER 2000, 2001, 2002, 2003, 2004; MARTINS & BORGES 2015), o que significa que as sentenças com esse nominal em uma posição pré-verbal é que são genéricas.

Dessa forma, uma sentença como (3) abaixo seria considerada gramatical segundo a perspectiva de que o singular nu pode denotar espécie, uma vez que ‘corre risco de extinção’ é um predicado que requer essa característica do seu argumento. No entanto, a mesma construção seria considerada agramatical segundo a análise de Müller para o português brasileiro, já que, para a autora, nomes nus não denotam espécie.

(3) Tigre corre risco de extinção.

Como explicamos mais acima, essa divisão é feita tendo por base os dois modos como a genericidade se manifesta nas línguas naturais, de acordo com a literatura clássica (KRIFKA ET AL. 1995).

Além da discussão sobre a possibilidade de o singular nu denotar espécie ou não, a literatura (MÜLLER 2004, MENUZZI ET AL. 2015, IONIN, GROLLA, SANTOS & MONTRUL 2014, 2015, 2018) também discute a possibilidade de o singular nu se combinar com predicados-de-estágio, que muitos trabalhos denominam predicados episódicos. Novamente, os estudiosos do tema se dividem entre duas propostas básicas: caso o nominal seja um nome que denota espécies, em sentenças com predicados que fazem referência a estágios de um indivíduo, há autores que sustentam que o singular nu será gramatical e a construção completa terá um sentido existencial no qual o predicado episódico faz referência a um estágio da espécie (PIRES DE OLIVEIRA 2014); por outro lado, há autores que argumentam contra essa possibilidade, alegando que o singular nu não pode em circunstância alguma ter uma leitura existencial, que é forçada pelo predicado-de-estágio, o que tornariam agramaticais as sentenças com essa configuração (MÜLLER 2000). A literatura também traz uma discussão sobre mecanismos que podem tornar esse tipo de construção aceitável, como os contextos de listas e foco

**5** Novamente, chamamos a atenção do leitor para o fato de que nem todos os autores concordam que a denotação do nominal seja apenas uma coisa ou outra. Autores como Menuzzi et al. (2015) não são contrários à ideia de que, nas construções genéricas, o nominal seja um indefinido que não pode fazer referência a espécies, por exemplo.

(SCHMITT & MUNN 1999, 2002), relevância contextual (MENUZZI ET AL. 2015) e proeminência prosódica (MARIANO 2013) - fatores que serão discutidos mais abaixo.

Considerando a seguir os predicados-de-espécie, como mencionamos anteriormente, também há controvérsia com relação à possibilidade de o singular nu denotar espécie. Os trabalhos que argumentam a favor dessa proposta, e que serão discutidos nesta seção, têm por base principalmente o julgamento de seus autores. Por consequência, desde a primeira exposição abrangente sobre as propriedades do singular nu, feita por Schmitt & Munn (1999), a literatura tem apresentado uma grande divergência com relação à aceitabilidade de sentenças com o nominal se combinando com predicados-de-espécie, como é o caso do exemplo em (4) (PIRES DE OLIVEIRA 2014, PARAGUASSU & BORGES 2015).

(4) Dinossauro está extinto.

Conforme mencionado anteriormente, é sabido que os nominais que saturam predicados-de-espécie são expressões de referência a espécie, necessariamente. Nesse contexto, os autores que consideram a construção em (4) aceitável em PB defendem que o singular nu denota espécie na língua. Por outro lado, os autores que julgam (4) inaceitável, argumentam que o referido nominal não denota espécie e, para isso, de acordo com Menuzzi et al. (2015), é necessário propor que a língua restringe a derivação dessas sentenças, de alguma maneira.

Müller (2001), por exemplo, propõe que existe uma restrição de foco sobre essas construções, de modo que, se o nominal receber foco, a sua aceitabilidade melhora. De maneira similar, Schmitt & Munn (1999) indicam que fatores como a proeminência prosódica, contexto de lista e leituras contrastivas também podem ter algum efeito sobre a aceitabilidade desse tipo de construção. Assim sendo, podemos pensar que, para esses autores, as sentenças do conjunto abaixo seriam, em teoria, mais aceitas pelos falantes do que a sentença em (4).

(5) DINOSSAURO<sup>6</sup> está extinto. [foco/proeminência prosódica]

(6) Dinossauro está extinto, baleia-azul ainda não. [leitura contrastiva]

(7) Dinossauro, mico-leão-dourado e tigre-de-bengala já estão extintos.[contexto de lista]

A controvérsia nos julgamentos dos autores, portanto, torna evidente a necessidade de estudos

---

6 Utilizamos as letras capitalizadas para marcar foco.

experimentais que analisem como uma amostra maior de falantes da língua julgam esse tipo de sentença, até mesmo para verificar se os fatores apontados de fato melhoram a aceitabilidade de construções em que o singular nu satura um predicado-de-espécie.

No que diz respeito às propostas contrárias à possibilidade de o singular nu denotar espécie, os julgamentos de Müller (2000, 2001, 2002, 2003, 2004), principal autora que defende essa perspectiva teórica, também são relevantes.

De acordo com a autora, a construção em (4) é agramatical porque o nominal singular nu não se combina com um predicado-de-espécie, sendo no PB um indefinido genérico nos termos de Heim (1982). Nesse contexto, a proposta da autora é de que as sentenças em que o singular nu pode figurar em posição pré-verbal<sup>7</sup> é que são genéricas, não o nominal.

De modo análogo ao que vimos para os predicados-de-espécie, também no tocante a construções em que o singular nu precede predicados-de-estágio (também chamados de episódicos), temos de modo geral apenas os julgamentos dos autores supracitados fornecendo o grau de aceitabilidade das construções (SCHMITT & MUNN 1999, 2004, MENUZZI ET AL. 2015). De acordo com Menuzzi et al., quando construções com o singular nu pré-verbal são inseridas em um contexto pragmaticamente relevante, as sentenças com o singular nu são aceitáveis. Para entender a proposta dos autores, é importante considerar a noção de ‘relevância’ exigida. Os autores propõem que (pág. 24): “um enunciado é “relevante” sempre que ele puder ser visto como uma tentativa de fornecer uma resposta ao assunto em discussão (*question under discussion*, nos termos dos autores) num ponto particular de uma troca comunicativa”. Para ilustrar esse ponto, consideremos o exemplo (19) no texto dos autores (Menuzzi et al 2015: pág. 23):

(8) A: Quem que falou de política ontem na festa?

B: a) ?MULHERES falaram disso ontem.

b) AS MULHERES (falaram disso ontem).

c) Só MULHER (falou disso ontem).

---

<sup>7</sup> Por essa razão, permanecemos com a nomenclatura “nominal singular nu pré-verbal” em vez de “nominal singular nu sujeito”, dado que preferimos permanecer neutras quanto ao debate de qual seja a estrutura sintática dessas construções.

A pergunta pressupõe que alguém falou de política na festa e uma resposta com um conjunto de indivíduos seria aceitável. Uma resposta que forneça esse conjunto será relevante no contexto. A resposta (b), *mulheres*, é apropriada, pois fornece um conjunto específico de indivíduos (as mulheres que estavam na festa) como resposta. Na resposta (c), em que o singular nu está acompanhado da partícula ‘só’, há efeito de contraste, e os autores afirmam que apenas indivíduos da espécie ‘mulher’ falou de política na festa. É observado que o uso de ‘só’ pressupõe que o assunto relevante na pergunta não é exatamente ‘quem’ falou de política, mas ‘que tipo de pessoa’. Ou seja, essa partícula introduz a pressuposição de que outros conjuntos alternativos de indivíduos (como homens, por exemplo) não falaram de política. Nesse contexto, um conjunto de mulheres na festa se torna representativo da espécie ‘mulher’ e é nesse contexto que o assunto em discussão é sobre espécies e uma resposta com o singular nu se torna apropriada. A resposta (a) não seria totalmente aceitável, porque ela não possui o ‘só’, que é desencadeador de foco contrastivo<sup>8</sup>, que é o que introduz esse contraste de espécies, ou seja, *mulher (mas não homem) falou de política na festa*.

Como mencionado anteriormente, o debate reside no fato de que o predicado-de-estágio necessariamente força uma leitura existencial sobre seu argumento (SCHMITT & MUNN 1999, 2004), isto é, a sentença faz referência a uma situação em que um estágio da espécie participa de um evento, não a espécie inteira, como no exemplo (9) a seguir.

(9)? Menino brincou ontem.

No entanto, quando consideramos outros tipos de predicados-de-estágio, como em (10) abaixo, e o singular definido, que é a expressão de referência a espécie canônica do PB (Müller 2003, entre outros trabalhos), observamos que é possível que um argumento de espécie se combine com esse tipo de predicado e a sentença mostre que toda a espécie toma parte de um evento específico.

(10) A batata foi cultivada pela primeira vez na América do Sul.<sup>9</sup>

Nesse contexto, Pires de Oliveira (2014), contra Munn & Schmitt (1999), aponta que, em sentenças com o singular nu que tenham a mesma configuração de (9) ou (10), independentemente do predicado-de-estágio empregado, a construção só pode ser feliz se o nominal expressa toda a classe

<sup>8</sup> Apesar de foco contrastivo ser uma estratégia que auxilia na introdução de um contexto apropriado, ele não é necessário. Os autores propõem que o que é crucial é que o contexto traga um assunto em discussão que seja sobre espécies. Para exemplos e discussão, cf., Menuzzi et al (2015).

<sup>9</sup> Exemplo extraído de Müller (2003:160).

da entidade em questão, sem individualizar nenhum de seus membros. Assim sendo, para a autora, o singular nu sempre denota espécie em PB.

No entanto, como apontado por um de nossos pareceristas, Menuzzi et al. observam que nesses casos, o que se tem é algo similar ao tipo de leitura que Landman (1989) chamou de “envolvimento incompleto” de um grupo. Ferreira e Correia (2016), nota 28, também notam que há ocorrências em que o enunciado episódico “se refere” à espécie, ainda que as condições de verdade da frase sejam satisfeitas por apenas um indivíduo da espécie, mesmo havendo outros no contexto. Ou seja, para esses autores, não é necessário que toda a espécie esteja envolvida.

O exemplo que é dado no trabalho é o de uma festa em que há muitos advogados e médicos. Nesse cenário, os médicos são considerados pessoas preguiçosas, e os advogados, muito sérios para contarem piadas. No entanto, se o falante quiser contar algo surpreendente sobre essa festa, como o fato de que um advogado foi o cozinheiro da noite e um dos médicos contou piadas, nesse contexto, um enunciado como “A festa foi realmente louca: advogado cozinhou, médico contou piada...” é aceitável na língua porque o nominal nu não está sendo empregado para destacar os indivíduos desempenhando a ação de “cozinhar” ou “contar piada”, mas o fato de que é surpreendente o envolvimento de membros dessas espécies nesse tipo de evento.

De todo modo, de maneira semelhante à questão dos predicados-de-espécie, ressaltamos que é necessário que esse tipo de proposta teórica seja testada com uma amostra razoável de falantes, dado que sentenças episódicas - isto é, as que apresentam predicados-de-estágio - com o singular nu são ou marcadas ou agramaticais para muitos autores e, conseqüentemente, deve o ser para muitos falantes também. Dados de estudos experimentais tornam-se, nesse contexto, indispensáveis para que saibamos, por exemplo, qual o papel desempenhado por fatores pragmáticos, como a relevância contextual por exemplo, para a aceitabilidade de sentenças em que o singular nu pré-verbal antecede um predicado-de-estágio.

No que diz respeito à questão experimental, destacamos os trabalhos de Ionin, Grolla, Santos e Montrul (2015, 2018), que examinaram a interpretação de NPs em contextos genéricos, de espécie, existenciais e episódicos na aquisição de Português Brasileiro como segunda ou terceira língua (L2 e L3) por adultos falantes de inglês como primeira língua. O que nos interessa aqui são os resultados encontrados pelas autoras no grupo controle do experimento, composto por falantes nativos de PB, que indicam que o nominal singular nu pode se combinar com predicados-de-espécie (média de 3,16



de aceitação em uma escala de 1-4), mas não é muito bem aceito quando em posição pré-verbal de construções com predicados-de-estágio (média de 1,71 aceitação em uma escala de 1-4). Dado que o experimento das autoras fornecia contextos com listas, que, de acordo com a previsão de Schmitt & Munn (1999), melhorariam a aceitabilidade das sentenças com predicados-de-estágio, os resultados obtidos para essas construções não confirmam as previsões de Schmitt & Munn (1999) ou Menuzzi et al. (2015).

### 3. Objetivos

Dada a discussão acima, nosso objetivo central é verificar se falantes adultos nativos de PB julgam como aceitáveis construções com o referido nominal antecedendo predicados-de-estágio. Para isso, aplicamos um teste de aceitabilidade a falantes nativos de PB, apresentando a eles as sentenças-testes inseridas em um contexto que fornecia um contraste entre duas espécies, tornando pragmaticamente feliz uma sentença contendo um singular nu em posição pré-verbal de um predicado de estágio.

Schmitt & Munn (1999) consideram que tais sentenças são aceitáveis, dada a presença de contraste, no entanto, esses autores não realizaram testes experimentais com falantes nativos para respaldar sua intuição. O presente artigo visa a contribuir para essa discussão, apresentando os resultados de um estudo conduzido com falantes nativos checando a influência desse fator em seus julgamentos.

Quanto aos predicados-de-espécie, dado que ainda é uma questão exploratória se o singular nu é aceitável em posição pré-verbal de tais predicados, para esses casos, nosso objetivo é investigar como falantes nativos de PB julgam esse tipo de construção considerando as questões contextuais acima. Construções com nominais nus em sentenças genéricas também são testadas como controle, já que, para essas, há consenso na literatura, sendo consideradas aceitáveis.

Como mencionado acima, apesar de Schmitt & Munn (1999) considerarem que fatores relacionados à estrutura informacional devem melhorar a aceitabilidade de sentenças com o singular nu em posição pré-verbal, resultados experimentais obtidos em Ionin et al (2015), por exemplo, não conseguiram detectar essa melhora. Isso nos leva à seguinte hipótese de trabalho:

*HIPÓTESE: A presença de contexto pragmaticamente relevante, ou de qualquer fator*

*relacionado a estrutura informacional, tais como tópico, foco contrastivo, ou leituras de lista, não têm o efeito de melhorar a aceitabilidade de sentenças genéricas, com predicados-de-espécie ou com predicados-de-estágio com o singular nu em posição pré-verbal.*

#### 4. Materiais e métodos

Conforme indicado na seção anterior, nosso experimento era uma Tarefa de Julgamento de Aceitabilidade, em que o participante julgava uma dada sentença como aceitável ou não.

Durante o procedimento, os participantes eram apresentados a um fantoche estrangeiro.<sup>10</sup> A experimentadora dizia para os participantes que ele estava visitando o Brasil e aprendendo a falar Português Brasileiro. A função do participante era avisar ao fantoche quando ele dizia algo estranho, de modo diferente do que os falantes normalmente falam no Brasil.

Cada condição era apresentada na presença de um contexto, sendo enunciada após a apresentação de uma história, como foi feito nos estudos de Ionin et al. (2015, 2018). Após o proferimento da sentença-teste pelo fantoche, o falante fornecia seu julgamento.

Como é praxe em estudos desse tipo, além das sentenças-teste com o singular nu em posição pré-verbal de diferentes tipos de predicados (detalhados abaixo), eram apresentadas também sentenças distratoras, algumas dessas claramente ruins. É esperado que os sujeitos julguem tais sentenças como inaceitáveis. A razão de incluirmos sentenças distratoras é para efeito de controle: caso sentenças distratoras obviamente ruins na língua sejam consideradas aceitáveis, todas as respostas dos sujeitos que as forneceram são descartadas do estudo<sup>11</sup>.

Durante o procedimento, a seguinte sequência era realizada com cada participante:

1) enquanto a experimentadora contava uma pequena história, com o suporte de ilustrações, o participante e o fantoche eram orientados a prestar atenção no que acontecia;

---

**10** Um fantoche foi incluído na metodologia para incorporar um aspecto lúdico à tarefa, já que um dos objetivos futuros deste trabalho é testar crianças também, além dos adultos. A presença do fantoche ajuda a entreter as crianças, facilitando a atividade. O fantoche foi usado com os adultos para garantir que os testes aplicados a essas duas populações fossem idênticos.

**11** No entanto, não foi necessário descartar os resultados de nenhum dos participantes de nosso estudo.

2) ao final da história, a experimentadora fazia uma pergunta para o fantoche a respeito do que foi narrado;

3) o fantoche proferia um curto resumo da história e, ao final, a sentença-teste (utilizando um nominal nu) ;

4) por fim, o participante julgava a última sentença proferida pelo fantoche como aceitável ou não<sup>12</sup>.

Retomamos nos exemplos (11-13) as construções que constituem as condições do teste. Nas subseções seguintes, apresentamos exemplos dos estímulos que eram apresentados aos participantes durante o procedimento:

(11) Condição A: sentença genérica: Criança gosta de assistir televisão.

(12) Condição B: predicado-de-estágio: Cachorro se assustou durante a queima de fogos.

(13) Condição C: predicado-de-espécie: Flor é comum em todo lugar.

Eram apresentados aos sujeitos 6 itens para cada condição, totalizando 18 itens-teste, devidamente randomizados e intercalados por 18 itens distratores. Nos exemplos (14-16) abaixo, fornecemos um exemplo de cada uma das condições testadas.

14) CONDIÇÃO A: O singular nu ocupa a posição de pré-verbal em uma **sentença genérica**

**Contexto:** Enquanto a Duda tava brincando no quintal, ela ouviu um barulhinho assim “pipipi, pipipi”. Quando ela foi ver o que era, viu que era um filhotinho de pássaro dentro de um ninho. Sabe o que a Duda fez? Colocou o pássaro em uma gaiola e levou pra dentro de casa. Quando a mãe da Duda viu o pássaro, disse pra Duda que o que ela fez foi errado. Os pássaros são animais que gostam de voar e dentro de uma gaiola eles ficam tristes. A Duda entendeu o que a mãe dela disse e soltou o pássaro.

**Fantoche:** *Eu lembro o que aconteceu! A Duda achou um passarinho, colocou ele na gaiola, mas soltou depois. Eu lembro que...*

**Pássaro gosta de voar.**

**12** Os julgamentos não eram dados segundo uma escala de aceitabilidade. Os sujeitos respondiam apenas se a sentença era aceitável ou não.

15) CONDIÇÃO B: O singular nu ocupa a posição de sujeito em uma **sentença com predicado-de-espécie**

**Contexto:** Teve um dia que o pai da Duda chegou em casa com uma sacola cheia de maçãs<sup>13</sup>. Quando a Duda viu a sacola ela achou que algumas maçãs eram muito esquisitas, porque elas eram verdes e cor-de-laranja. A Duda até aquele dia só tinha comido maçãs vermelhas, então ela achou que as outras estavam podres e quase jogou no lixo. Ainda bem que a mãe da Duda viu o que ela ia fazer e explicou que tem três cores para as maçãs: vermelho, cor-de-laranja e verde. A Duda comeu todas as maçãs e viu que era isso mesmo: apesar de terem cores diferentes, o gosto era o mesmo!

**Fantoche:** *Ah, eu sei o que aconteceu nessa história. O pai da Duda comprou maçãs e a Duda quase jogou algumas no lixo! Eu também me lembro de outra coisa que a Duda aprendeu:*

**Maçã vem em três cores.**

16) CONDIÇÃO C: O singular nu ocupa a posição pré-verbal em uma **sentença com predicado-de-estágio**

**Contexto:** Semana passada, tinha muitas pessoas na feira. Lá tinha homens, mulheres e crianças. Os homens e as mulheres, ou seja, os adultos, compraram muitas frutas e comida saudável, está vendo? Mas as crianças não queriam saber de frutas. Sabe o que elas compraram? Bastante doce.

**Fantoche:** *Ah, eu lembro o que aconteceu, com certeza! Os homens, as mulheres e as crianças foram pra feira e compraram coisas lá. Eu sei que...*

**Criança** comprou bastante doce.

É importante deixar claro que as sentenças-teste eram sempre verdadeiras com relação ao que acontecia na história. Não é o fato de serem verdadeiras ou não que interessa, mas se soam aceitáveis ou não.

No caso do contexto apresentado na condição A, com sentenças genéricas, observamos que, ao

---

**13** Um dos pareceristas questionou a razão de apresentarmos as histórias aos sujeitos usando o nome nu plural, que parece ser mais comum ao registro escrito em Português Brasileiro (IONIN ET AL. 2018). Isso introduziria uma contradição, pois se pediria um julgamento sobre o singular nu (que é mais próprio do discurso oral) com os estímulos formulados usando o plural nu (que é mais próprio do registro escrito). No entanto, na nossa metodologia, era crucial que nós não utilizássemos o singular nu em posição pré-verbal nas histórias, para que a resposta dos participantes não fosse enviesada. Por conta disso, foi necessário explorar os outros tipos de nominais existentes no sistema nominal do Português ao apresentar os estímulos: utilizamos o singular e o plural definido (a criança/as crianças), os indefinidos (uma criança/umas, algumas crianças) e também o plural nu (crianças).

longo da história, a espécie ‘pássaro’ é apresentada e é atribuído a ela a propriedade de gostar de voar. Para isso, tomamos o cuidado de usar outros tipos de nominais, que não o singular nu, para falar da espécie, como o definido plural.

No caso do contexto apresentado na condição B, para predicados de espécie, ‘maçã’ é a espécie apresentada e recebe a propriedade de “vir em três cores”, que não pode ser atribuída a apenas uma maçã, mas deve se referir à espécie. Como na condição anterior, outros nominais foram utilizados para apresentar essas propriedades.

Por sua vez, no caso do contexto apresentado na condição C, para predicados de estágio, apresentamos as espécies ‘criança’ e ‘adulto’, mas apenas os indivíduos da espécie ‘criança’ compram doces, o que facilita a leitura de contraste de que ‘adulto’ não comprou doce. O definido plural e o plural nu foram empregados na história a fim de relatar o que aconteceu com cada conjunto de indivíduos.

## 5. Resultados

Nesta seção, apresentamos os resultados obtidos, decorrentes da aplicação da tarefa de julgamento de aceitabilidade a 20 falantes adultos nativos de PB. Dentre os participantes, 19 são naturais de Jundiaí-SP, e 1 pessoa é natural do Rio de Janeiro-RJ, porém vive em Jundiaí há mais de 10 anos.<sup>14</sup>

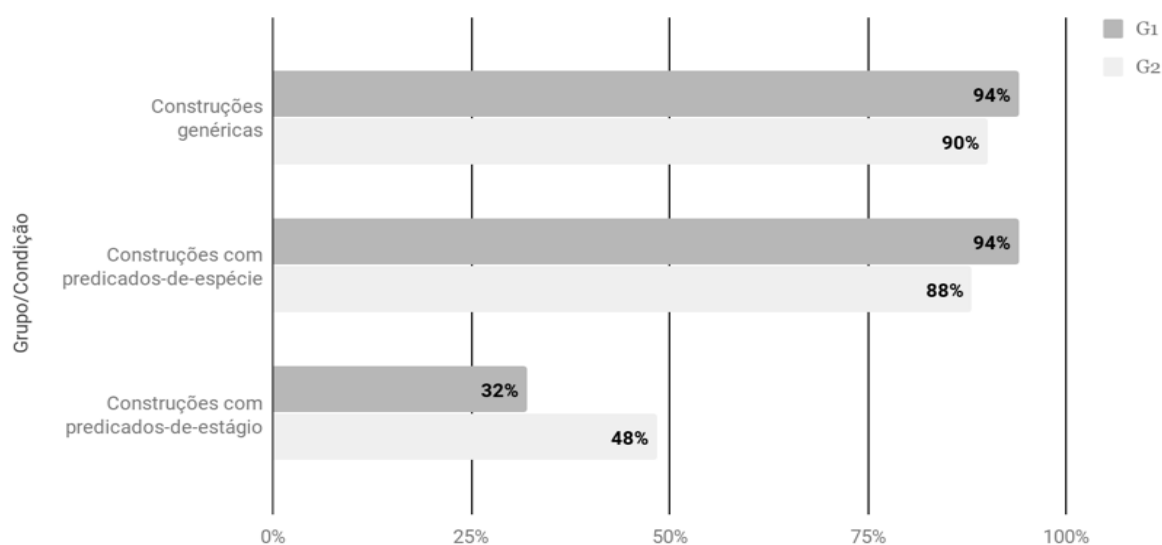
Os sujeitos foram divididos inicialmente em 2 grupos, pois nosso objetivo inicial era incluir uma outra variável no estudo: a completa ausência de contexto. Assim, num dia, um dos grupos de sujeitos era testado com sentenças apresentadas após a apresentação de um contexto (como descrito acima) e no outro dia, eles eram testados com sentenças diferentes, sem a presença de um contexto, totalmente *out-of-the-blue*. No entanto, verificamos alguns problemas metodológicos nessa etapa *out-of-the blue* e, por isso, ela foi excluída da análise. O que reportamos a seguir, portanto, refere-se apenas às sentenças julgadas na presença de um contexto. Mantivemos a separação entre grupos (a depender se o grupo ouviu essas sentenças antes ou depois das sentenças *out-of-the-blue*) por rigor científico, já que, como mostrado abaixo, as taxas de aceitação nos dois grupos foi distinta, apesar de tal diferença não atingir significância estatística. O grupo G1 (n=10) ouviu as sentenças com contexto

**14** Consideramos relevante que todos os participantes sejam naturais de um mesmo local para que os dados sejam uniformes, evitando possíveis efeitos de variação dialetal.

antes e o grupo G2 (n=10) ouviu as sentenças *out-of-the-blue* primeiro.

Apresentaremos a frequência de julgamento de aceitação para as construções de interesse do estudo, e os resultados de uma análise da frequência de aceitação dos itens que foram apresentados com o singular nu pré-verbal combinado com predicados-de-estágio. A seguir é possível observar o percentual de aceitabilidade que cada sentença recebeu.

**Gráfico 1.** Taxas de aceitabilidade de construções com o nominal singular nu pré-verbal para os falantes nativos adultos de PB, N = 20



No que diz respeito à Condição A, isto é, para as sentenças genéricas, para as quais esperávamos uma frequência alta de julgamentos aceitáveis nossa previsão se confirma. Como previsto, esse tipo de construção foi amplamente aceita pelos participantes, com pelo menos 90% de aceitabilidade para os dois grupos.

No tocante à condição B que, por sua vez, apresenta as estruturas nas quais o nominal singular nu ocupa a posição pré-verbal de sentenças com predicados-de-espécie, os resultados dos adultos se aproximam do que foi encontrado para as sentenças genéricas, o que é inédito na literatura. A taxa de aceitação para os participantes dos dois grupos foi bastante alta, com mais de 88% de aceitação. Esses resultados corroboram o que foi encontrado para essas construções no estudo de Ionin et al. (2018), em que esse tipo de sentença recebe em média uma nota de 3,16 de aceitação em uma escala de 1-4.

No que diz respeito à condição C, em que o singular nu ocupa a posição pré-verbal de uma

sentença com predicados-de-estágio, o que se observou é que os julgamentos dos falantes não obtiveram uma taxa de julgamentos aceitáveis tão alta quanto a das sentenças genéricas (com 32% de aceitação, no caso de G1 e 48,3% para G2). Isso também vai ao encontro do que Ionin et al. (2018) obtiveram, em que o singular nu recebeu uma média de 1,71 de aceitação na escala de 1-4.

Comparando-se as taxas de aceitação dos dois grupos, notamos que o G1 apresenta taxas mais altas de aceitação para as duas primeiras condições. Nos casos das sentenças genéricas e das sentenças com predicados-de-espécie, a diferença entre G1 e G2 é pequena. No entanto, para as sentenças com predicados-de-estágio, a diferença entre os grupos é maior (48,3% vs. 32%). É importante notar no entanto que, apesar de ser maior, ela não é significativa estatisticamente falando (valor-p: 0.102698).

A fim de investigar qual a razão da diferença de julgamento entre os grupos, decidimos analisar as respostas individuais dos participantes da pesquisa. Queríamos checar se houve falantes que tenderam a aceitar todas as sentenças ou falantes que rejeitaram todas elas, por exemplo. Fornecemos abaixo duas tabelas que trazem os julgamentos de cada um dos 20 participantes (numerados de 1 a 20 na primeira coluna das tabelas) do estudo para as construções com predicados-de-estágio, em que o símbolo “✓” indica aceitação e o símbolo “-” indica rejeição:

**Tabela 1.** Aceitabilidade de construções com predicados-de-estágio para o G1

G1	Item 1	Item 2	Item 3	Item 4	Item 5	Item 6
1	-	-	-	-	-	-
2	-	-	-	-	-	-
3	-	✓	✓	✓	-	-
4	-	-	-	-	-	-
5	-	-	-	-	-	-
6	-	-	-	-	✓	-
7	✓	✓	✓	✓	✓	✓
8	-	-	✓	-	-	-
9	-	✓	-	✓	-	✓
10	✓	✓	✓	✓	-	✓
Total de aceitação	2	4	4	4	2	3

**Tabela 2.** Aceitabilidade de construções com predicados-de-estágio para o G2

G2	Item 1	Item 2	Item 3	Item 4	Item 5	Item 6
11	-	✓	-	-	-	-
12	✓	✓	✓	✓	-	✓
13	-	✓	-	-	-	-
14	✓	✓	✓	-	✓	✓
15	✓	✓	✓	✓	✓	✓
16	✓	✓	✓	✓	✓	✓
17	-	-	✓	-	-	✓
18	-	✓	✓	-	-	-
19	-	✓	-	-	-	-
20	-	-	-	-	-	-
Total de aceitação	4	8	6	3	3	5

De modo geral, as tabelas mostram que o grupo G2 apresentou taxas mais altas de aceitação para quase todos os itens. Lembremos que esse grupo foi o que ouviu as sentenças com contexto num segundo dia de testes. No primeiro dia em que foram testados, eles ouviram sentenças com o singular nu sem a presença de nenhum contexto, sendo que as sentenças nessa condição eram diferentes das apresentadas com contexto<sup>15</sup>. Como mencionado antes, decidimos excluir tais dados por problemas na metodologia empregada. No entanto, apesar desses problemas, parece que ouvir sentenças com nominais nus em um dia anterior acabou por influenciar esses falantes, que apresentaram taxas mais altas de aceitação.

Além dessa diferença entre grupos, decidimos analisar mais detidamente os contextos apresentados para cada um dos itens. Essa análise nos fez perceber algo problemático para o item 5 (representado pelas cédulas em cinza suave). Esse é o único dos itens-teste para a condição de predicados-de-estágio que não apresenta uma leitura contrastiva com relação ao que se observa

**15** Por exemplo, as sentenças eram do tipo: “Maçã faz bem para os dentes” (construção genérica); “pirulito vem em três sabores”; (construção com predicado-de-espécie); “Professora explicou a brincadeira” (construção com predicado-de-estágio).



na história contada. Trata-se do exemplo (17), que apresentamos mais abaixo. Nos demais itens, apresentamos histórias como a exemplificada em (16), correspondente ao item 2 das tabelas acima, que foi mais aceito pelos participantes.

A falta de contraste inadvertidamente ocorrida acabou por influenciar as respostas dos participantes. Podemos observar nas tabelas que o item 5 é, em geral, julgado nos dois grupos de sujeitos como inaceitável mais frequentemente<sup>16</sup> que os outros.

(17) **Contexto:** Na hora do recreio as crianças não sabiam do que brincar. Os meninos queriam brincar no balanço. As meninas queriam brincar de médico. Então ninguém conseguia brincar junto. Foi aí que alguém teve uma ideia brilhante! Todas as crianças pegaram cadeiras e fizeram uma dança das cadeiras! Todo mundo se divertiu bastante!

**Fantoche:** *Eu sei dizer o que aconteceu! As crianças não sabiam do que brincar e aí eu lembro que...*

**Criança** brincou de dança das cadeiras.

Em um item como (17), não há a possibilidade de obter uma leitura contrastiva como em (16), uma vez que tanto os indivíduos da espécie ‘menino’ como da espécie ‘menina’ participaram do evento “brincar de dança das cadeiras”. Assim, levando em consideração a proposta de que o foco contrastivo é um fator que melhora a aceitabilidade de construções com predicados-de-estágio, a maneira como esse contexto em específico foi apresentado para os falantes é problemática porque anula a possibilidade de uma leitura contrastiva.

Se retiramos esse item da análise, obtemos 34% de aceitação para o G1 (compare com 31% com a inclusão do item 5) e 52% de aceitação para o G2 (versus 48,3% com a inclusão do item 5). Ou seja, a retirada desse item não muda muito as taxas de aceitação dos grupos. No que se segue, discutimos esses resultados.

## 6. Discussão

No que diz respeito às construções genéricas, os resultados sugerem o que já é consenso na literatura: sentenças genéricas em que o singular nu ocupa a posição pré-verbal são gramaticais em PB.

---

**16** Dada a baixa quantidade de sujeitos que participaram do experimento e a pouca quantidade de itens, julgamos suficiente apresentar a discussão apenas com valores absolutos.

O que não é consenso na literatura, mas também se observa nos resultados deste estudo, é que o singular nu também pode ocupar a posição pré-verbal em construções com predicados-de-espécie, como já havia demonstrado o trabalho de Ionin et al. (2018). Isso fornece evidência adicional, que pode contribuir para a descrição desse elemento na língua.

Com relação aos predicados-de-estágio, os resultados dos dois grupos de adultos testados sugerem que, no geral, sentenças com o nominal nu em posição pré-verbal desses predicados não apresentam altas taxas de aceitabilidade. No entanto, essa aceitabilidade aumenta um pouco quando as sentenças são proferidas após a apresentação de um contexto contendo um contraste entre as espécies em discussão. Vimos que, no único item em que isso não ocorreu, a taxa de aceitação foi menor. Sendo assim, os resultados sugerem que a presença de contraste desempenha um papel aparentemente determinante no que diz respeito à aceitabilidade dessas construções.

Ainda com relação às construções com predicados-de-estágio, as sentenças-alvo receberam um percentual de julgamentos considerável, porém não tão alto quanto o percentual das outras construções (cerca de 50%). Nesse contexto, uma taxa de 50% de aceitação é difícil de interpretar, levando em consideração que, se a construção em questão fosse de fato aceitável, os participantes deveriam aceitá-la mais frequentemente que 50%. Por outro lado, se a construção fosse inaceitável, deveria ser rejeitada a taxas mais altas, a exemplo das distratoras agramaticais de nosso estudo, que tiveram uma taxa alta de rejeição acima de 90% para os dois grupos. Dessa forma, os nossos resultados não sugerem que esse tipo de construção seja inaceitável na língua, mas que é menos aceita que as sentenças genéricas e as com predicados-de-espécie. Observamos ainda que as construções com leitura contrastiva que advém do contexto favorecem o julgamento de aceitabilidade da sentença, o que corrobora a proposta de Schmitt & Munn (1999).

Nosso estudo sugere, portanto, que construções com predicados-de-estágio são menos aceitas do que as com predicados-de-espécie em que o singular nu ocupa a posição pré-verbal da sentença. No entanto, a combinação de um predicado-de-estágio com um singular nu pré-verbal não é totalmente inaceitável, e a falta de uma leitura contrastiva parece deteriorar ainda mais a aceitação desse tipo de construção. Nesse contexto, nossos resultados indicam que o referido nominal não é o melhor tipo de sujeito para sentenças com predicados-de-estágio, caso não haja o fator de contraste.

Assim, contrariando a hipótese formulada na seção 3 acima, a conclusão geral a que nosso trabalho chega é a de que os singulares nus pré-verbais são governados por restrições que parecem

estar correlacionadas a fatores pragmáticos, tal como a presença de uma leitura contextualmente contrastiva.

## REFERÊNCIAS

Carlson, G.; Pelletier, F. J.(eds). (1995). *The generic book*. Chicago & London: The University of Chicago Press.

Dobrovie-Sorin, C., & De Oliveira, R. P. (2007). Reference to kinds in Brazilian Portuguese: definite singulars vs bare singulars. *Proceedings of SuB12*, 107-121.

Ferreira, M., & Correia, C. N. (2016). The Semantics of DPs. *The Handbook of Portuguese Linguistics*, 356-373.

Krifka, M., Pelletier, F. J., Carlson, G. N., Chierchia, G., Link, G., & Ter Meulen, A. (1995). Genericity: an introduction. *The Generic Book*, 1-124.

Ionin, T., Grolla, E., Montrul, S., & Santos, H. (2014). When articles have different meanings: Acquiring the expression of genericity in English and Brazilian Portuguese. *Crosslinguistic studies on Noun Phrase structure and reference, Syntax and Semantics*, 19, 367-396.

Ionin, T., Grolla, E., Santos, H., & Montrul, S. A. (2015). Interpretation of NPs in generic and existential contexts in L3 Brazilian Portuguese. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 5(2), 215-251.

Ionin, T.; Grolla, E.; Montrul, S.; Santos, H. (2018) Remarks: Another look at the acceptability of bare singular NPs in episodic sentences in Brazilian Portuguese. No prelo.

Landman, F. (1989) Groups, I. *Linguistics and Philosophy* 12, 559-605.

Mariano, R. D. S. (2013). Nominais nus, tópico e foco: testando a aceitabilidade em sentenças episódicas. Dissertação de mestrado.

Martins, N. D. R. S. P., & Borges, R. D. S. (2015) A semântica dos nomes nus no português

brasileiro falado em Teresina-PI. *Letrônica*, 8(2), 454-466.

Menuzzi, S. D. M., Silva, M. C. F., & Doetjes, J. (2015). Subject Bare Singulars in Brazilian Portuguese and Information Structure. *Journal of Portuguese Linguistics*, 14(1).

Müller, A. (2000). Sentenças genericamente quantificadas e expressões de referência a espécies no Português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 39, Campinas: Unicamp, 141-158.

Müller, A. (2001) Genericity and the denotation of common nouns in Brazilian Portuguese. In: Weerle, A. & Ji-Young, K. (eds.). *Proceedings of the SULA: The semantics of under-represented languages in the Americas*, UMOG 25. Amherst, MA: GLSA, The University of Massachusetts, 72-80.

Müller, A. (2002) The Semantics of generic quantification in Brazilian Portuguese. *Probus* 1(14), 279-298.

Müller, A. (2003). A Expressão da Genericidade nas Línguas Naturais. In: Müller, A; Negrão, E.; Foltran, M.J. (Orgs.). *Semântica Formal*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 153-172.

Müller, A. (2004) Tópico, foco e nominais nus no Português Brasileiro. In: Negrin, L.; Foltran, M. J.; Pires de Oliveira, R. (eds.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*, São Paulo: Contexto, 77-95.

Pires de Oliveira, R. (2014). *Dobras e Redobras do singular nu no Português Brasileiro: costurando a semântica entre as línguas* [recurso eletrônico]. EdiPUCRS, Porto Alegre.

Pires de Oliveira, R., da Silva, J. C., & Bressane, M. R. S. (2010). O singular nu denota espécie: uma investigação empírica. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 26(1).

Pires de Oliveira, R. & Mariano, R. (2011) Mulher discutiu futebol: estrutura informacional e os nominais nus do PB. *Anais do VII Congresso Internacional da Abralín*, v 1, 3744-3757.

Pires de Oliveira, R. & Rothstein, S. (2011) Bare singular noun phrases are mass in Brazilian Portuguese. *Lingua* 121, 2153-2175.

Schmitt, C., & Munn, A. (1999). Against the nominal mapping parameter: Bare nouns in BP. Proceedings of NELS 29 P. Tamanji, M. Hirotani & N. Hall (eds), 339-353.

Schmitt, C., & Munn, A. (2002). The syntax and semantics of bare arguments in Brazilian Portuguese. *Linguistic variation yearbook*, 2(1), 185-216.